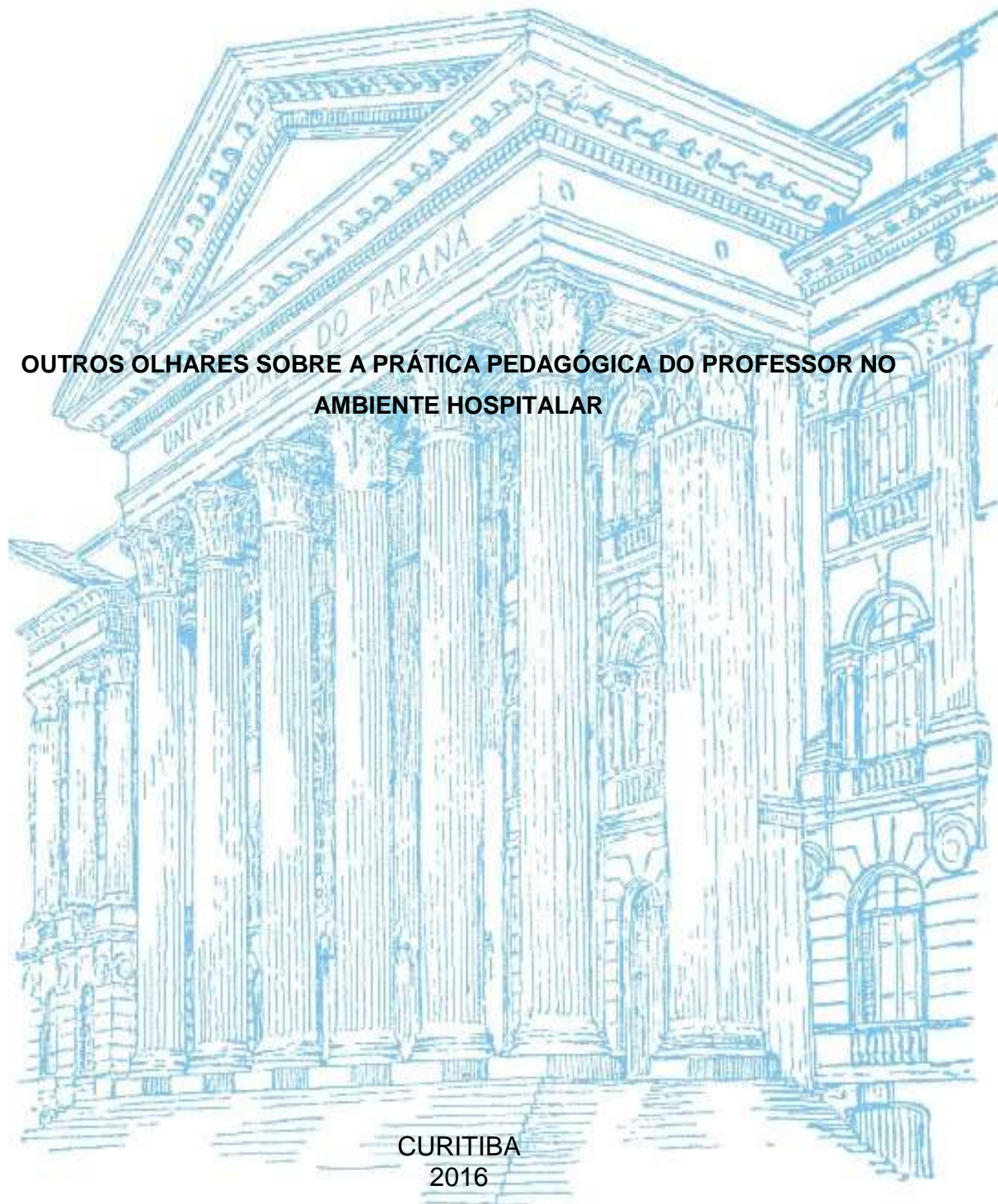


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE EDUCAÇÃO

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA

ELAINE HELOISA MARQUES

**OUTROS OLHARES SOBRE A PRÁTICA PEDAGÓGICA DO PROFESSOR NO
AMBIENTE HOSPITALAR**



CURITIBA
2016

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA

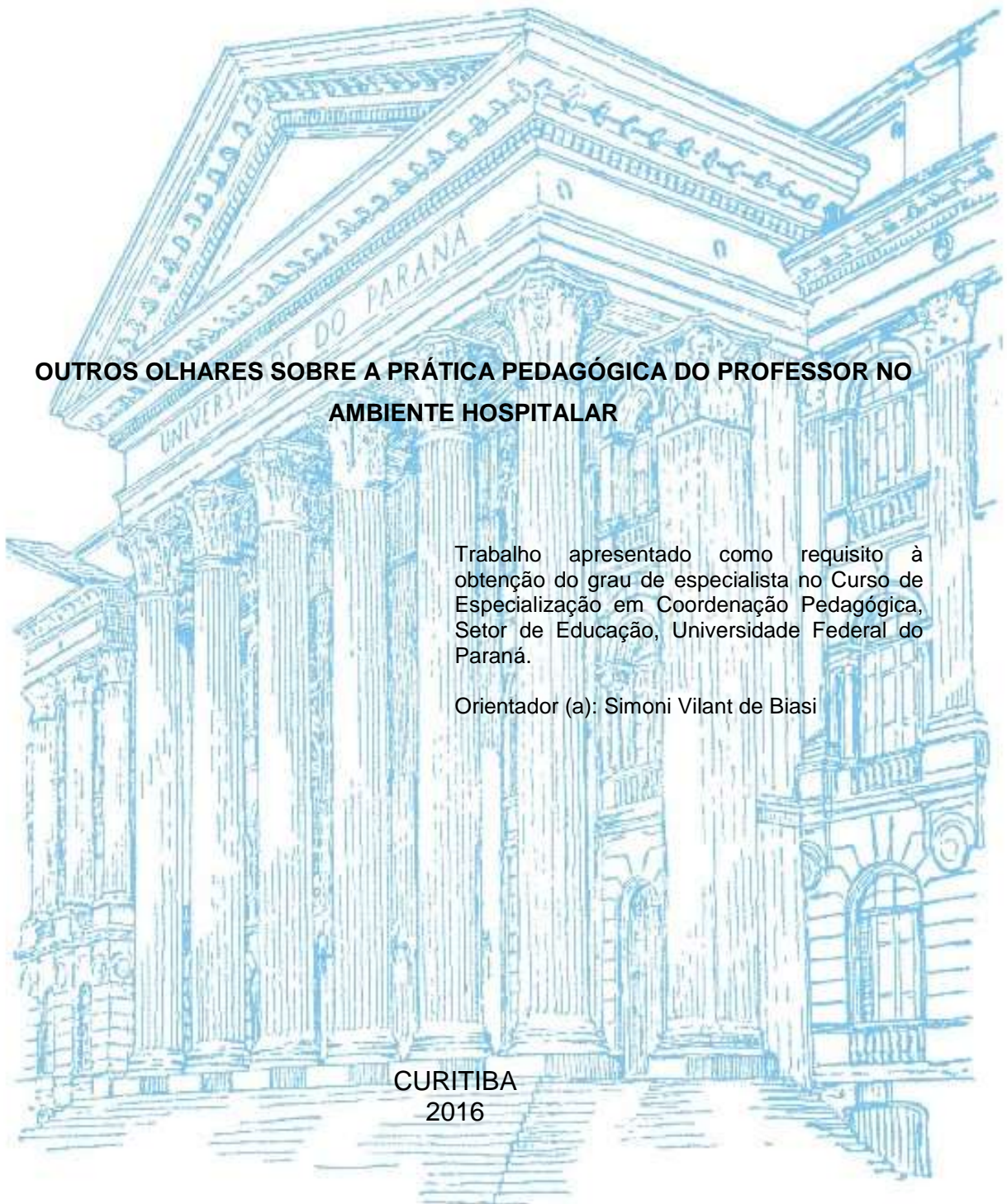
ELAINE HELOISA MARQUES

**OUTROS OLHARES SOBRE A PRÁTICA PEDAGÓGICA DO PROFESSOR NO
AMBIENTE HOSPITALAR**

Trabalho apresentado como requisito à obtenção do grau de especialista no Curso de Especialização em Coordenação Pedagógica, Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná.

Orientador (a): Simoni Vilant de Biasi

CURITIBA
2016



OUTROS OLHARES SOBRE A PRÁTICA PEDAGÓGICA DO PROFESSOR NO AMBIENTE HOSPITALAR

ELAINE HELOISA MARQUES

RESUMO

Este artigo pretende levar a reflexão e discussão, sobre o trabalho pedagógico no ambiente hospitalar, desvelando as possíveis fragilidades na atuação docente hospitalar, quanto à metodologia adotada e sua implicação direta no aprendizado do aluno que se encontra hospitalizado e/ou em tratamento de saúde. Os contextos para estas reflexões se configuram a partir das dificuldades encontradas no executar da função de pedagogo no ambiente hospitalar desvelando as certezas e verdades construídas nesse caminhar. Aqui procura-se entender a importância desse atendimento pedagógico, as leis que amparam esse serviço, o trabalho do professor no ambiente hospitalar e pretende-se destacar a relevância da formação continuada específica para os profissionais que atuam nesse segmento. Conclui que a formação específica se mostrou como fundamental para uma atuação inclusiva e efetiva por parte desse profissional que atua ou estará atuando no ambiente hospitalar.

Palavras-chave: escolarização hospitalar, metodologia, professor, ensino-aprendizagem

Introdução

Este artigo discorre sobre a importância da escolarização hospitalar ao aluno, que em decorrência de um problema de saúde, se encontra hospitalizado. O objetivo é refletir sobre a prática pedagógica docente vivida nesse ambiente e sobre as adaptações curriculares e a metodologia do professor. Essa modalidade de ensino é merecedora de reflexões profundas que levantam a questão do ir além do simples repasse de conteúdos ao aluno para a importância de avaliar-se o tempo todo com um olhar de quem busca o verdadeiro sentido de ensinar.

A necessidade de discutir este tema nasceu da problemática vivenciada pela Equipe Pedagógica que coordena a escolarização no Hospital Erasto Gaertner, em Curitiba, Paraná, através do SAREH- Serviço de Atendimento à Rede de Escolarização Hospitalar . O intuito é buscar embasamento teórico para aprofundar a discussão sobre a temática na orientação do planejamento junto aos professores. O resultado desse trabalho é uma tentativa de um encaminhamento junto a Seed (Secretaria do Estado de Educação do Paraná) de momentos durante o ano letivo para Formações Continuadas específicas para esse trabalho.

O artigo está organizado da seguinte forma: no primeiro momento tratará da importância da Escolarização Hospitalar e os dispositivos legais e no segundo momento trará reflexões sobre a prática docente e o trabalho do pedagogo.

1. Escolarização Hospitalar e seus dispositivos legais

No que diz respeito às bases legais que abordam atendimentos pedagógicos em ambientes hospitalares e/ou classes hospitalares, cito alguns dispositivos legais que amparam esse atendimento.

A *Constituição Federal* em seu Art. 6º estabelece que “são direitos sociais a educação, a saúde, o trabalho, a moradia, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência social aos desamparados.” Os direitos sociais requerem uma ação do Estado mediante a elaboração de políticas públicas aptas a promovê-las. Com referência entre a íntima correlação entre direitos sociais e a exigência de políticas públicas adequadas a promovê-los, temos que a saúde (Art.196) e a educação (Art. 205) são direitos de todos e dever do Estado, garantido mediante políticas sociais e econômicas que visem à redução da

doença ou a igualdade de condições para o acesso, permanência e sucesso na escola.

Cabe aqui ressaltar ainda outra linha de pensamento igualmente importante, a Classe Hospitalar ou Hospitalização Escolarizada, que embora distinta da Pedagogia Hospitalar tem respaldo legal na Política Nacional de Educação Especial (Brasil, 1994) e nas Diretrizes Nacionais para Educação Especial na Educação Básica (Brasil, 2001) e segundo Matos e Muggiati (2001, p. 67), “se constitui num espaço temporal diferenciado, em que as condições de aprendizagem fogem à rotina escolar e o aluno é uma criança/adolescente adoentada”. Este espaço atende individualmente ao escolar, desenvolvendo um projeto pedagógico específico relacionado à sua escola de origem.

O Serviço de Atendimento à Rede de Escolarização Hospitalar (Sareh) está alicerçado nas pesquisas de Menezes (2004), que aborda a relevância do pedagogo em ambiente hospitalar e suas implicações no desenvolvimento cognitivo das crianças, adolescentes, jovens e adultos afastados da escola por motivo de tratamento de saúde. Partindo do pressuposto de que o afastamento por motivo de saúde não pode se configurar como impeditivo do acesso à educação, que é direito fundamental do cidadão. Nessa perspectiva esse serviço vem buscar garantir o atendimento a todos que estejam matriculados ou não (reinserindo) na educação básica.

1.1 A função do Pedagogo na Escolarização Hospitalar

Segundo a Instrução nº 016/2012- SEED/SUED, que estabelece os procedimentos para a implantação e funcionamento do Serviço de Atendimento à Rede de Escolarização Hospitalar: 8.4 São atribuições do(a) Pedagogo(a) responsável pelo trabalho pedagógico nas entidades conveniadas à SEED/SAREH:

- a) coordenar, acompanhar e avaliar o trabalho pedagógico bem como organizar os materiais e equipamentos do SAREH.

Segundo a lei, o trabalho do pedagogo no ambiente hospitalar, deve ter a mesma dimensão pedagógica que na escola, mas com outro olhar tendo a clareza da importância do seu papel em garantir a restituição da escola(adaptada no ambiente hospitalar) e do conteúdo escolar para esse aluno que muitas vezes de forma abrupta teve esse convívio escolar interrompido e acompanhado da incerteza

do seu retorno ao ambiente regular de uma escola, levando em consideração, toda a referencia que ela tem na vida de um jovem.

Entre as atribuições do pedagogo, está a de garantir o acesso ao saber científico, evitando que seja desempenhado um papel de somente ocupar o tempo do aluno que se encontra em tratamento e sim proporcionar um aprendizado real e que seja garantido estabelecer o vínculo com sua escola de origem, não sendo interrompido sua vida escolar.

Dessa forma, uma das funções do coordenador é a de sugerir e acompanhar as atividades elaboradas pelo professor, tendo como documento norteador as DCES.

Com essa concepção e com a necessidade de reorganizar e qualificar a práxis escolar no ambiente hospitalar, onde a (re)organização, a adaptação e a flexibilização dos conteúdos curriculares, dos tempos e espaços escolares são necessárias para que esse aluno hospitalizado possa usufruir com qualidade das aulas que recebe nesse ambiente diferenciado.

1.2 Formação Continuada dos profissionais hospitalares

Para tanto, consideramos que esse profissional que desempenhará suas funções no SAREH, deveria receber da mantenedora (SEED) Formações Continuadas específicas e frequentes para esse atendimento diferenciado.

Sendo que, as Formações Continuadas disponibilizadas atualmente acontecem de forma esporádica e voltadas a realidade da escola regular não atendendo as necessidades diferenciadas do atendimento ao escolar hospitalizado.

Em vista disto e atendendo essa primeira questão emergente podemos analisar com maior propriedade a postura profissional do professor nesse ambiente diferenciado que não é a escola regular e o que me levou a essa reflexão, é que nessa realidade não nos deparamos com a indisciplina e nem com salas de aulas lotadas, mas mesmo assim persiste a problemática dos improvisos.

Muitas vezes o planejamento é satisfatório, mas a aula em si é cansativa e pouco interessante. Considero, que o problema detectado nesse caso é a metodologia do professor, falta criatividade, falta estudos, sobra hábitos enraizados e que se repetem por anos.

O que é necessário proporcionar ao professor para que inove-se na sua prática pedagógica?

Como fazer com que o professor evolua o seu fazer pedagógico?

Na busca por pesquisar elementos que fornecessem subsídios a reflexões na questão emergente levantadas no problema a ser analisado, que busquei nos referenciais teóricos como Segundo Perrenoud (2001), grande parte das estratégias de ensino utilizadas pelo professor deve ser adaptada às características dos alunos, à composição da classe e a história das relações entre os educandos e entre eles e o professor. Em vista disso, fica clara a importância da realização de adaptações uma resposta ou algo que aponte para possíveis encaminhamentos.

Na proposta educacional inclusiva o currículo deve ser pautado também da idéia da diferença e não é o aluno que se ajusta, se adapta as condições de ensino, mas a leitura do movimento da inclusão educacional é justamente contrária, é a equipe escolar que tem que prover as mudanças necessárias para que o aluno consiga acessar o currículo (Aranha, 2003)

2. Prática Docente e suas implicações

A atuação do professor implica a questão importantíssima no desenvolvimento humano pleno do nosso aluno e do papel que a escola desempenha na vida desse aluno, que se encontra impossibilitado de frequentá-la.

Enveredar pela compreensão do que leva o professor a postura displicente no seu fazer pedagógico é algo que envolve diferentes atores e muitas vezes dotada de pseudoneutralidade, onde as desculpas se vestem de diversas formas e tomam outras esferas do poder, não entrando nesse mérito por ser muito abrangente e não será o destino desse artigo, estudaremos a postura docente e que uma vez assumido seu papel de professor docente trata-se de um compromisso perante o aluno e a sociedade, é um desafio a ser enfrentado e sua prática só fará sentido se dotada de transformação e de salvaguardar o direito do aluno ao saber científico mesmo no hospital.

De acordo com Schon (2000) que propõe a reflexão como parte de um trabalho em que o docente pode estabelecer dois tipos de análise: da ação no decurso dela própria (reflexão na ação) estabelecendo um diálogo com a situação e

ainda da reflexão sobre a ação, ou seja, analisando-a “a posteriori”. Em ambos os casos, a reflexão leva a reconstrução da ação.

Mudar sua prática pedagógica não contrapõe sua autonomia enquanto professor, portanto, não se trata de menosprezar ou sobrepor e sim priorizar um pensar estratégico juntamente com o olhar do pedagogo, que deve sim observar, intervir quando necessário nessa prática, se valendo de que a primícia é o aprendizado do aluno, aulas de qualidade numa perspectiva de evolução por parte do aluno, deve manter a qualidade esperada pelos alunos, pela família, pelos seus gestores e o compromisso social. Estamos atuando com seres humanos em desenvolvimento e num estado de fragilidade física devido a situação de hospitalizado, se consideramos ser esse um ponto de consenso entre todos os envolvidos nos atendimentos pedagógico e que este não é um campo de trabalho como outro qualquer, tem suas especificidades que devem ser respeitadas nos atendimentos pedagógicos, entretanto não podemos em nome dessas especificidades e/ou dificuldades comuns encontradas diminuir a qualidade das aulas ministradas, apresentar atividades superficiais sem aprofundamentos necessários e estudos prévios, endossar atendimentos pedagógicos não condizentes com a singularidade dos nossos alunos ou instalar uma visão assistencialista. Não é qualquer aula que acontece a troca entre o ensino e a aprendizagem, subterfúgios de ocupar os alunos com cópias de livros sem um objetivo específico e/ou atividades sem uma sequência lógica, “soltas”, levando a posturas que acabam por se tornar no mínimo um engodo ao trabalho do professor. O próprio aluno como sujeito de direitos tem demonstrado a capacidade de perceber e opinar quando a aula recebida não foi a contento, nesse contexto cabe ao pedagogo investigar e juntamente com o professor buscar possíveis mudanças, isso faz parte do processo de evolução e aperfeiçoamento da prática e em nada desmerece a prática docente, mas é preciso que o professor esteja aberto para o diálogo e para possíveis re-organizações nas ações docentes, sendo importante detectar possíveis lacunas teóricas necessárias para o aperfeiçoamento desses profissionais e enquanto professor ter a iniciativa de reformular sua prática, suas atividades e buscar suporte junto à pedagoga.

Assim sabendo que nossas atuações estarão acontecendo em um ambiente onde a rotina quase inexistente e sabendo que o professor deverá adaptar sua prática

às condições adversas não escritas em manuais e particulares a cada realidade escolar.

É sabido que abordar questões que nos tiram da possível comodidade e que nos traz reflexões sobre nosso atuar dentro dos parâmetros reais é muitas vezes doloroso mais necessário e requer uma maturidade para autoanálise do nosso trabalho como pedagogo e como professor atuando em escola pública, essa questão é sempre objeto de inquietações e conflitos.

Ora, enquanto se mantiverem escapes e autojustificação por parte dos envolvidos, perdurará fragilidades e não haverá avanços na qualidade do processo pedagógico. Infelizmente são características comuns da escola pública situações em que necessita haver melhorias e aperfeiçoamentos , não cabe aqui a pretensão de se falar em um serviço onde não existe necessidades de alterar algo buscando uma prática de sucesso e qualidade.

Entendemos que uma aula é constituída de partes de um determinado conteúdo e de características particulares de cada professor que elaborou a mesma, e essas questões irão refletir no encaminhamento da aula preparada, o que queremos dizer é que essa aula terá “marcas” do professor e a metodologia essa é uma característica imprescindível para entender o desenvolvimento do trabalho pedagógico , não querendo adotar um caráter simplificador, penso que a questão da readaptação se apresenta como um ponto chave para a qualidade da aula oferecida, pois engloba a metodologia, o tempo, os conteúdos selecionados e é preciso cuidar para que a atividade em si não se constitua como o “alfa e ômega “ do processo, fazendo com que o docente considere missão cumprida, tornando o processo da aprendizagem superficial.

O currículo se apresenta como aquele que é constantemente reconstruído, a cada encontro, a situação de vida dos alunos provocam os ajustes, e esses partem sempre de construções já estabelecidas. A fim de que esse ajustamento não tenha uma constituição delirante, professores e alunos tendem a observar um currículo de normalidade transcendental. (COVIC Amália Neide ,2015)

De nada adianta uma teoria onde se repete o discurso de flexibilização, adaptação, transposição didática e conteúdos selecionados para o trabalho pedagógico em si, quando o conteúdo não é selecionado criteriosamente e os objetivos de determinada aula não são delimitados a fim de que o professor tenha a clareza do que irá avaliar e o que esse aluno deverá aprender na aula preparada.

Uma vez que o professor saiba o caminho que deverá tomar e a intencionalidade de determinado fazer pedagógico e o processo seja interrompido por alguma situação comum ao ambiente hospitalar, naturalmente acontecerá em outro momento, mas o professor saberá o que o aluno apreendeu, pois traçou um caminho/objetivo para sua aula.

Sobre a transformação do saber quando já na mão do professor, o trabalho do autor Martinand, entende a proximidade dos conteúdos com a cultura e o cotidiano do aluno, de maneira a buscar um significado ao objeto de estudo, não correndo o risco de ter um ensino vazio de significado (Martinand apud Astolfi, 1995).

Essas questões estão sendo abordadas, pois é nessa realidade hospitalar que o pedagogo e o professor deverão ter bem claro o seu papel, a sua função que é professor, que é pedagogo, isso pode parecer redundante para quem está lendo, mas no dia a dia escolar e todas as problemáticas comuns ao ambiente hospitalar perde-se a clareza do seu papel e o seu próprio reconhecimento de profissional e das suas atribuições são determinantes para o bom andamento dos atendimentos pedagógicos.

Numa postura nem ingênua e nem pessimista demais, mas buscando sempre sanar as possíveis fragilidades no cotidiano dos atendimentos pedagógicos em ambiente hospitalar e onde não podemos adotar comportamentos de que não há o que mudar no fazer pedagógico e lembrando que nosso trabalho é indissociável ao campo de pesquisas, de formação continuada, de relações humanas, mas, sobretudo compreender que a função do professor é ensinar. E o entendimento da sua função enquanto pedagogo e da ação docente leva a redefinir a prática pedagógica quando necessária e isso é importante para as mudanças acontecerem e que a prática de ambos aponte para uma mesma direção, ou seja, um ensino de qualidade. A resistência ao trabalho do pedagogo e uma prática docente desprovida de sua dimensão crítica e de auto-reflexão se torna um desafio desnecessário com um discurso ultrapassado que vem somente servir como dificultador às mudanças e adaptações em todo o processo pedagógico.

“...ninguém pode estar no mundo, com o mundo e com os outros de forma neutra. Não posso estar no mundo de luvas nas mãos constatando apenas. Há perguntas a serem feitas insistentemente por todos nós e que nos fazem ver a impossibilidade estudar por estudar. De estudar descomprometidamente como se misteriosamente, de repente,

nada tivéssemos que ver com o mundo” (FREIRE,p.86,1997).

Mudar sua prática pedagógica não contrapõem sua autonomia enquanto professor, portanto, não se trata de menosprezar ou sobrepor e sim priorizar um pensar estratégico juntamente com o olhar do pedagogo, que deve sim observar, intervir quando necessário nessa prática, se valendo de que a primícia é o aprendizado do aluno, aulas de qualidade numa perspectiva de evolução por parte do aluno, independente de estar hospitalizado, ele tem o direito de receber uma aula com significado e que acrescente em sua vida . Mas é preciso que o professor esteja aberto para o diálogo e para possíveis re-organizações nas ações docentes e cabe ao pedagogo esse suporte teórico-metodológico ao trabalho docente, sem haver “o dono da aula” e sim a pauta deve ser o ensino-aprendizagem em seus condicionantes.

Essa relação entre o dito/ a teoria, o pretendido/os objetivos e o feito/prática deve estar sempre sendo diagnosticada para proceder retomadas em determinadas ações e conseqüentemente novas definições de critérios conforme o que surge no caminho, várias intercorrências comuns ao hospital e aos sintomas da doença, faz com que seja necessário esse retomar de ações sendo assim nem sempre o planejado será concretizado e para que o atendimento pedagógico não tome características de improviso e a qualidade do trabalho não seja afetada, precisamos de profissionais criativos, com uma formação sólida, que saibam trabalhar com imprevistos, flexibilizando e readaptando sua aula, considerando sempre a relevância do conteúdo selecionado, pois estamos nesse contexto para desempenhar nosso papel de professor e de pedagogo.

A literatura justifica essa preocupação, como diz Brandão (1981) que “não há, uma forma única, nem um único modelo de educação; a escola não é o único lugar em que ela acontece” (p.26).refletir sobre a prática docente no ambiente hospitalar, o porque da desvalorização do conhecimento teórico por parte do professor e sua prática superficial e muitas vezes descomprometida com suas atribuições.

A liberdade para atuar muitas vezes desvirtua-se e a atuação docente, acaba promovendo distorções e questionamentos no que se refere a qualidade do que se ensina e como ensina e a falta de compromisso vivenciada em varias instituições , seja por relato de colegas ou pela própria vivência.

A experiência desenvolvida me permitiu levantar algumas questões para reflexão e análise sobre como acontece o trabalho pedagógico no ambiente hospitalar, suas características e possíveis fragilidades encontradas no dia a dia. É certo que vivemos em tempos difíceis, mas cabe a nós como atuantes e intelectuais da educação, essas indagações cruciais e necessárias, suas implicações e possibilidades no cotidiano e na vida desse aluno hospitalizado, onde a atuação do professor necessita ser repensada e imbuída de equidade e qualidade para todos,

O que é necessário proporcionar ao professor para que inove-se na sua prática pedagógica no ambiente hospitalar e não traga para essa atuação práticas repetitivas e sem os efeitos desejados na aprendizagem do aluno ?

Foi da constatação dessa realidade e olhando de modo mais específico para a escolarização hospitalar, que levanto a questão; precisamos de profissionais imbuídos da consciência e do comprometimento que nosso papel de professor e coordenador pedagógico exige perante as necessidades pedagógicas dos alunos hospitalizados e garantindo seus direitos de acesso a educação estando ele impossibilitado de freqüentar a escola. Urge refletirmos nossa prática, evitando a perpetuação do instituído pela atuação de velhos e novos atores na educação pública e instalando uma ruptura em posturas engessadas e ultrapassadas, onde possamos ser um coletivo com indagações e inovadores, onde a integração da fundamentação teórica com nossa prática precisa estar presente e a observação no campo de atuação e um instrumento riquíssimo para nossa reflexão.

2.1 Metodologia

Consideramos que, a partir de vivências no cotidiano escolar hospitalar e trocas de experiências entre colegas, temos elementos suficientes para pensarmos na importância de mantermos uma prática que esteja em constante análise e busca de maneiras mais eficientes de levar até o aluno oportunidades de real aprendizado.

É sabido que abordar questões que nos tiram da possível comodidade e que nos traz reflexões sobre nosso atuar dentro dos parâmetros reais é muitas vezes doloroso mais necessário e requer uma maturidade para autoanálise do nosso trabalho como pedagogo e como professor, essa questão é sempre objeto de inquietações e conflitos. A movimentação que gera a saída da zona de conforto é

válida em todos os segmentos, pois na prática diária de nossas funções podemos sem perceber acomodar nossos olhares.

A observação das práticas docentes no ambiente hospitalar revela que precisamos vincular nossa prática com a teoria e principalmente inovar no fazer pedagógico, onde as metodologias de sala de aula que já não apresentam nada de novo, se repetem no ambiente hospitalar.

2.3 Vivências e Possibilidades

Devemos atentar para o discurso muitas vezes do próprio professor de que consegue atender sua área de conhecimentos sem maiores dificuldades, ora, se pensarmos que atendemos do 6º ano ao 9º ano, ensino médio e EJA, é certo opinar de que provavelmente ele encontrará dificuldades e isso exige disponibilidade do professor em pesquisar, estudar, elaborar, ser um profissional disciplinado no que se refere a estar buscando sempre novos saberes e contar com o apoio do pedagogo e nesse cenário, cabe ao pedagogo estudar as DCES-Diretrizes Curriculares do Estado do Paraná, em sua totalidade.

Um curso de professores deveria possibilitar confronto entre abordagens, quaisquer que fossem elas, entre seus pressupostos e implicações, limites, pontos de contraste e convergência. Ao mesmo tempo, deveria possibilitar ao futuro professor a análise do próprio fazer pedagógico, de suas implicações, pressupostos e determinantes, no sentido de que ele se conscientizasse de sua ação, para que pudesse, além de interpretá-la e contextualizá-la, superá-la constantemente. (MIZUKAMI, 1986, p.109)

O professor do SAREH precisa evitar se limitar a atividades prontas e acabadas e de imbuir-se de sentimentos de dever cumprido em relação ao preparo do material que será utilizado pelos alunos pacientes, mas é claro que precisa se organizar antecipadamente na construção desse material com conteúdos básicos, até porque a dinâmica do hospital nem sempre permite que o professor, tenha horas-relógio ininterruptas e generosas, para se preparar, não podemos é achar que temos a receita pronta para os atendimentos, pois como já contemplado nesse documento, cada um é cada um, cada um carrega sua história de vida e seus saberes. Essas atividades preparadas antecipadamente servem como uma sondagem de conhecimentos desse aluno, o ponta-pé inicial para determinar que rumo a aula deverá seguir com determinado aluno e assim estabelecer ações conscientes e isso só se atinge com reflexão sobre a realidade encontrada e estudos

prévios. Constatando e conhecendo os problemas, tornamo-nos capazes de intervir na realidade, para Paulo Freire (1996) está aí a força de problematizar.

Partimos do pressuposto de que essa ação pedagógica do professor tenha uma intencionalidade e por trás dela tenha um referencial teórico e que nessa mesma linha toda a ação do pedagogo esteja fundamentada à luz da teoria e da observação da realidade encontrada no SAREH e que esse pedagogo assuma seu papel de gestor na Unidade Conveniada atuando de forma responsável e tendo como foco garantir uma educação de qualidade para todos que necessitem do atendimento pedagógico do SAREH.

O docente é aquele que ensina para que o aluno aprenda o que necessita para inserir-se de forma crítica e criadora na sociedade em que vive. O gestor é o que dispõe e coordena a utilização adequada e racional de recursos e meios, organiza situações, para a realização de fins determinados, tal como escreve Paro com relação à atividade administrativa (Paro, 1986, p. 19-20).

Para tal, a organização pedagógica assim construída deve apresentar uma coerência com a realidade do ambiente e nesse cenário espera-se que o pedagogo atue de forma pontual nas fragilidades detectadas, observar para agir no sentido de melhorar o trabalho pedagógico, e muitas vezes ter que mudar algo na sua prática profissional gera conflitos na equipe, mas esse é o papel do pedagogo intervir para buscar soluções, é a saída do comodismo para a ação, embora muitas vezes a parceria velada e o corporativismo venha consolidar atitudes não produtivas. Na reflexão desses elementos existe as divergências e as convergências de opiniões e voltamos a falar que, o que deve imperar é o que vai gerar um atendimento pedagógico melhor estruturado para o aluno hospitalizado ? essa deve ser a questão que servirá como bússola para nos conduzir diariamente.

Se a educação (...) diz respeito a todas as pessoas e durante toda vida, não será legítima a exceção para com a pessoa enferma. Nessa perspectiva, a Pedagogia Hospitalar propõe-se a uma ajuda eficaz - a pedagógica - que pode ser dirigida ao enfermo, isto é, se as suas condições de enfermidade o permitirem, mesmo que em um ambiente diferenciado, o que se constitui em motivação para a continuidade de sua vida na sociedade (MATOS e MUGIATTI, 2008, P.46)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não existe soluções mágicas, quando se detecta que o aluno não está aprendendo como se esperava, que o professor utiliza metodologias pouco funcionais para determinados casos ou que suas atividades não estão fazendo com que o aluno avance, essas questões necessitam de decisões situadas e cooperativas, não esquecendo o porquê de estarmos ali e qual nossas atribuições nesse espaço diferenciado, mas possível de se fazer professor e de disseminar um aprendizado de qualidade.

O professor pesquisador se torna extremamente necessário nesse quadro, na verdade o professor deve ser um sujeito curioso e investigador, com a desenvoltura que o conhecimento lhe traz, sem perder de vista o respeito à individualidade de cada aluno e buscando tornar o momento da aula, algo envolvente, único e atrativo, para que seja possível a aprendizagem por parte do aluno e que nesse momento possa desligar-se momentaneamente de toda a situação que vivencia.

Para tanto, o professor do SAREH deve ter como elemento essencial, a sensibilidade, o comprometimento com o ser humano e o respeito ao direito desse aluno em ter o acesso ao conhecimento científico e assim atuar com a consciência de que estamos em constante aprendizado e evolução, nem tão somente culpando nem eximindo de sua responsabilidade. O que importa é entender e responder o que pretendemos fazer com as dificuldades encontradas na nossa prática pedagógica no ambiente hospitalar. Neste sentido, torna-se necessário que se empreenda outra possibilidade de conceber a formação do professor, outra compreensão muito mais ampla, nas diferentes formas de aprender e de ver nosso aluno.

Entendemos que nesse cenário a SEED no seu papel de mantenedora e diante dos fatos relatados, deverá oferecer formações específicas e constantes para que o atuar desse profissional, venha sanar as reais necessidades educacionais desse aluno hospitalizado e que esse serviço não seja um “escape” da realidade da escola ou um deslumbramento que encaminhe-se para o assistencialismo por parte desse profissional da educação que ali atua.

REFERÊNCIAS

ARANHA, M.S.F. Formando Educadores para a Escola Inclusiva. 2002. disponível em: www.tvebrasil.com.br/SALTO/boletins2002/feei/teimp.htm - acesso em 20 de abril 2007

ASTOLFI, J.; DEVELAY, M. **A didática das ciências**. 4 ed. Campinas: Papirus, 1995.

BRANDÃO, C. R. **O que é Educação?**. São Paulo, Brasiliense, 1981.

_____. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, MEC, 1989.

COVIC, A. N. **Reflexão Sobre Singularidades No Atendimento Escolar Hospitalar** - IOP-GRAACC/UNIFESP Grupo de Trabalho - Educação, Saúde e Pedagogia Hospitalar.

FREIRE P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo, Paz e Terra; 1996.

LDB - **LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL**. Brasil. Congresso Nacional. Câmara dos Deputados

LIBÂNEO, J. C. **Pedagogia e pedagogos, para quê?** São Paulo, Cortez, p. 23-63, 1998.

TORRES, P. L. **Teoria e Prática na Pedagogia Hospitalar: novos cenários, novos desafios**. Curitiba, Champagnat, 2010. p. 323-344

MATOS, E. L. M.; MUGGIATI, M. M. T. F. **Pedagogia hospitalar**. Curitiba: Champagnat, 2001.

MENEZES, Cinthya Vernizi Adachi de. A necessidade da formação do pedagogo para atuar em ambiente hospitalar: um estudo de caso em enfermarias pediátricas do Hospital de Clínicas da UFPR. Florianópolis, 2004. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção), Universidade Federal de Santa Catarina

MIZUKAMI, M. G. N. **Ensino: as abordagens do processo**. São Paulo: EPU, 1986.

PARO, V.H. **Administração escolar: introdução crítica**. 9. ed. São Paulo Cortez; Campinas: Autores Associados, 1986.

PERRENOUD, P. **A prática reflexiva no ofício de professor: profissionalização e razão pedagógica**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2002.

PERRENOUD, P. A pedagogia na escola das diferenças: fragmentos de uma sociologia do fracasso. Porto Alegre: Artmed, 2001

Resolução nº. 2527/07. **Institui o Serviço de Atendimento à Rede de Escolarização Hospitalar.** Curitiba, 2007.

SAVIANI, D. **A nova lei da educação: trajetória, limites e perspectivas.** Campinas, SP, Autores Associados, 1997.

SCHON, D. A. **Educando o profissional reflexivo: um novo design para o ensino aprendizagem.** Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

TARDIF, M. **Saberes profissionais dos professores e conhecimentos universitários: elementos para uma epistemologia da prática profissional dos professores e suas conseqüências em relação à formação para o magistério.** *Revista Brasileira de Educação*, Belo Horizonte, n. 13, p. 5-24, 2000.

VEIGA, I.P. **A Inovações e projeto político-pedagógico: uma relação regulatória ou emancipatória?** 2003 Cadernos Cedes. versão On-line ISSN 1678-7110

VEIGA, I.P. A. **Projeto político-pedagógico: continuidade ou transgressão para acertar?** In: CASTANHO, M.E.L.M.; CASTANHO, S. (Org.). *O que há de novo na educação superior: do projeto pedagógico à prática transformadora.* Campinas: Papyrus, 2000.